

Delelelele
II SERIE
N.º 3

REVISTA

DO

MINHO

Delelelele
II ANNO
1886

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES DIRIGIDA POR

José da Silva Almeida

BARCELLOS

Secção folk-lorica

GEREZIANA

Hoje, que o valor estético das antigas populares, e até o seu valor científico, como documentos de psicologia, de demografia e de etnografia, tem sido largamente evangelizado, todo o excursionista *comme il faut* tem de abrir as paginas da sua carteira para recolher solícito quantas quadras cuvir gargantear pelas laringes plebeias na estância que visita.

A satisfação fácil d'este preceito dá-lhe um certo *chic* de espirito fino, e rasga-lhe o ingresso na respeitável sciencia *folke lorica*, que receberá gostosa os seus tributos. Envergar por tão pouco a investidura de um viajante sabio e impressionista, vale a pena; passar pelo Gerez, indiferente a tal empenho, seria um crime punível de *lesa folke-lore* que me proíria op remorsos para todo o sempre.

Se o naturalista colecciona pelas montas da serra a planta que desabrocha por aquelas altitudes as corolas silvestre, e o inseto que esvoaça sobre o teixo, faça-se tambem um ramilhete com as flores serranas das canções, com as petalas roçadas pelas azas de ouro da alma popular.

Intellectualmente o Gerez é hoje terreno sáfaro para folklorismo. A colmeia das Caldas vem dos gran-

des centros, infiltrada do prosaismo urbano e da asthenia das grandes cidades. A unica manifestação artistica é o gemedoiro cantante dos dous pianos que ha na terra—um por hotel. As teclas ás vezes lá desferem a valsa da moda ou a aria d'opereta, irritando-nos os timpanos. O maldito pianismo da baixa tambem ali conseguiu anninhar-se a 400.^m d'altura ai se as altitudes matassem os Erards, como matam os microbios que bom craf.

Em tempo, bem outra era a scena. Havia descantes, trovas e dansas, acompanhadas com a orquesta campesina das violas. Então os aldeães frequentavam em chusmas a estância termal, abalando-se de muitas leguas em redor, e animando o pequeno valle com o seu viver alegre e festivo

Os viajantes do Geroz, no seculo passado, assistiram ainda a essa fase curiosa da vida das Caldas. Link descreve-nos até as terras d'então como um logar de buculismos e de idilios ultra-arcaicos. *Le sexe n'este point farouche*, diz o tradutor francez do celebre viajante, cheio d'humorismo saudoso, a apontar-nos as montas discretas dos medronheiros como recessos dulcissimos de Cythera.

Como este elemento campestre foi minguando tanto no decorrer dos annos, mal sei eu. Seria um effeito da luta pela existencia? a raça pecuniariamente forte das cidades expulsaria o paria das aldeias?

Extinto ou quasi o transmontano e o minhoto n'uma terra que não tem quasi população propria, e sómente se anima com a da arribação, o Gerez perdeu toda a sua antiga feição social, e com ella quaesquer livros aproveitaveis de folk-lore.

Não admira pois que nas suas *Notas a lapis* Sanchez Frias lamentante semelhante pebreza e nos aponte só umas quadras aleijadas e tólas que lhe cantaram á porta do Hotel Universal. Nós é que somos bem mais felizes.

Tinha principiado a noite—uma d'aquellas noites do Gerez, que apenas nos deixam entrever uma nesga do ceu estrelado, entre os espinhaços negros da serra, quando fomos surpreendidos por um côro de vozes frescas e argentinas. Era um bando de raparigas, das que trabalham na estrada; a noite pozera termo ás suas tarefas, e ellas vinham em magote, com os cabazes da merenda enfiados no braço arremangado, entoando muito a unisono a sua canção favorita. Pararam no largo dos Castanheiros, onde nos deliciaram durante muito tempo com os seus cantares, recompensados no fim com o producto pecuniario d'uma *quete* promovida entre os ouvintes.

A mais esbelta e viva das raparigas permitiu-me que trasladasse a letra das canções; a musica foi-me obsequiosamente notada por dois cavalheiros, assaz entendidos tecnica das semi-fusas. E a proposito—porque será que

os nossos cultores da poesia popular teem descurado este lado apreciavel d'esthetica nativa, acogulando as cantigas e esquecendo os motivos musicaes? Será pela ausencia das tonalidades scientificas da filologia, da etnologia, etc.?

O que é verdade, é que cantigas e musica me pareceram lá deliciosissimas. E que gargantas tão sãs, tão afinadas e timbradas! Ou isto, ou as laringes rechadas dos palcos de opereta, a compasso de batuta.

O ritornelo, o estribilho repetido a cada quadra era assim:

*Uma libra, duas libras d'ellas,
O que lindas bellas!
São de cavalinho.
Sou firme, sou diligente
Sou leal (ó) meu bemsinho.*

D'aqui deduzirá gravemente e com grandes fundamentos o folklorista que a canção não é com toda a certeza anterior aos celtas, mas posterior á introdução das libras de cavalinho, e por tanto com um acentuado carimbo anglo-saxonio.

Saberemos mais pelo extravagante estribilho, que a muza popular sabe fazer trocadilhos com a palavra libra, e que gosta dos soberanos e bemsinhos. Amor e dinheiro! Que soberbo mote! Cheira-me a forte corrução psiquica.

As quadras na maioria estão impregnadas d'um erotismo e intenso cultural, o sentimento mais vulgar que transluz no versejar do povo. Ahí vão na melhor sonica imitativa que pude arranjar, á parte os er:

*Tenho dentro de meu peito
Dous scaldas de felôres;
Por um descem suspiros
Por outra assobem amôres.*

*Viva quem aqui chegou,
Por ora nun digo quem.
Chegaram aqui dous olhos
A quem os meus querem bem,*

*Amar e saber amar
São pontinhos delicados.
Os que amam nun tem conta
Saber amar são contados.*

Veem tambem gritos doridos, a carpia falta d'amores, e invocaçõs com o seu que de irreverentes:

*O' alta serra de neve
Tende de mim piedade!
Que me vejo sem amores
Na felor, da minha idade,*

*O' Senhora do Sameiro,
Eu queria ser vossa nora,
Se me dereis o menino,
Que 'stá no altar de fóra.*

As ausencias, os rompimentos, as contrariedades soltam tambem os seus queixumes amargos:

*Quando passo por ti porta,
E a vejo estar cerrada,
'Rasam-se-me os olhos d'agua,
Que não posso dar passada.*

*Já nun ha papel em Braga
Nem tinha no tintureiro
Prá screver ó (ao) meu amor
Para o Rio de Janeiro,*

*Semear e nun colher
E' o que atrasa o lavrador;
Tambem eu' estou atrasado
Em contas co' o meu amor.*

*Assestir por assestir
Bem te tenho assestido,
Já vejo que te nun logro,
Choro o meu tempo perdido.*

*Limoeiro tem pé d'ouro,
Tãmem tem rama de prata.
Tomar amores nun custa,
Deixal-os é o que mata.*

A's vezes parece que as separaçõs não custam muito e deixam a cara alegre:

*O' sentas-te de mim
Sem ter razão de queixa.
Quem s'osenta sem ter causa
Nem leva penas nem deixa.*

*Q'ando eramos amigos
Eu andava noteu monte;
Agora que'b' nun somos
Veu beber a outra fonte.*

Uma antologia amorosa em todos os tons!

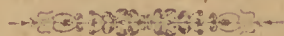
E as Caldas não terão inspirado o menor verso?

Apenas o dr. Paulo Marcelino, que teve acoragem de nascer lá n'um reconcevo das abas da Cordilheira, diz ter ouvido cantar aos que regressavam do Geruz, delapidados da bolsa:

*Adeus, ó Caldas do Geruz,
Adeus, ó fonte da Bica,
Vim cá buscar a saude,
O meu dinheiro cá fica.*

D'isto não sabiam as nossas cantoras que de algibeirinha quente lá seguiram para os alpendres de D. João V, o creador das caldas a entoarem-sabeis o que ó folkloristas da minha alma?... a Mar-selheza! Maldita a hidra que manchou os coraçõs e as purezas tradicionaes das terras geresianas. Nem sequer o Rei-chegou, ali tão perto de Villar-de-Veiga, onde bivacaram as guerrilhas realistas do celebre padre Casimiro!

R. J.



O CANCEINEIRO DO HERMINIO

As canções teem azas como os passaros. Voam de povoação em povoação, perpetuando-se pela tradição oral tanto ao norte como ao sul, ao oriente como ao occidente de um paiz. Assim, uma trova do Algarve, a da *Engeitada* por exemplo, tem corrido todo o Portugal do sul para o norte, e é conhecida no Doiro, onde já por mais de uma vez a ouvimos cantar.

Todavia, as canções das regiões montanhosas, como a serra da Estrella, não adejã facilmente para alem dos seus alcantãs nataes. Aninham nos pincares como as águias, e como as montanhas alpestres são pouco accessiveis ao trato humano, como só raro viajante extranho as visita, succede que o canceineiro das montanhas é ordinariamente pouco conhecido.

A Serra da Estrella começou a ser explorada, sob um ponte de vista ethnographico, desde 1881, epoca em que a expedição scientifica a visitou. Mas nem os membros d'essa expedição, nem os viajantes que posteriormente os teem indicado se deram ao agro trabalho, de recolher

as serranilhas, as canções locais dos pastores do Herminio e das povoações limitrophes.

Este trabalho está por fazer, e não seremos nós que o possamos realizar. Faltam-nos todos os elementos para isso; falta-nos até o principal, ter visitado a serra da Estrella. Mas este artigo tem por fim lançar o alvitre da coordenação do cancionero do Herminio, na esperança de que haja de ser aproveitado por quem se encontre em condições favoráveis para levar a cabo a empreza.

O que de longe conhecemos do cancionero da serra da Estrella, pouco é. As canções das montanhas, repetimol-o, voam menos do que as outras. E' preciso ir surprehendel-as na origem. Por isso somos obrigado a contentar-nos com o pequeno peculio de uma ou outra canção que tem batiro as azas para fóra dos alcantis do Herminio.

Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellanea*, traz o mote de uma trova antiga da serra da Estrella, que o sr. Marccos Ferreira copiou no relatório da secção ethnographica da expedição de 1881.

Madanella

*Nasceu na serra da Estrella,
Que confina com as estrellas,
Tomou a esperesa d'ella,
E a formosura d'ellas.*

Copiando o mote, diz Miguel Leitão que «foi muito cantado, o gozado, e com muitas voltas, que deveu ser feito em louvor d'alguma serrana nobre chamada Madanella»-

Na *Musa das revoluções* (Lis. boa, 1883) publiquei uma ballada e serra da Estrella, que pude ha-zer de um amigo, e que até hoje ainda não consegui interpretar satisfatoriamente.

Parece baralharem-se n'essa ballada confusas recordações de uma invasão armada ou talvez de mais de uma invasão. Não creio ainda hoje que seja unicamente uma tradição semi- apagada da época do Viriato e das suas façanhas contra os romanos. Tal como a reproduso, a ballada foi escripta de memoria por um cavalheiro octogenario da serra da Estrella.

Diz assim;

Oh! como traz botas

*De neve té o joelho,
No ingreme atalho,
A gente de velho,
Maioral, na frente.
Co'o peso d'annos andando,
Do triste rebanho,
A rir ou chorando?*

*S. Romão, S. Romãosinho,
Nosso firme adogado,
Tereis optima offerta,
Se nos escapar o gado.*

*Ah! que magna turba
Vem lá debaixo ahi
Direita á jugunda
E os nossos por aqui!*

S. Romão, São Romãosinho, etc

*Virgem do Desterro,
Nossa boa padroeira,
Protegei-os, defendei-os
Da troça estrangeira.*

*Romanos avançam
Ao cume da serra,
E o luso se passa
Para detraz d'ella.*

*Ai da Sera!
Ai da Estrella!
Ai do Alva!
Ai o frêcheiro!
Em mãos d'afriano
Na Serra Leoa,
Nos Montes da Lua,
Antes eu viva
Do que estou vendo.*

*S. Romão, São Romãosinho, etc.
Virgem do Desterro, etc,*

*Como é raça de cães.
Manteigas vão descobrindo,
Enquanto ficam lambendo,
O velho se vai sumindo.*

*Maioral vai deante,
Co'o peso da gyria
Se vai atrasando,
Vão todos contentes,
Já nenhum chorando.*

*Velho o chamam,
Velho, é elle.
Nos annos é tenro:
Cá para nós,
E' o nosso menino,*

Da Serra da Estrella,

*Do Monte de Muro,
O gado está salvo
No Porto seguro,*

*Senhora do Desterro,
Bemdiã sejaes.
Inda hoje no templo
Nos ouviraes (sic)*

*São Romão São Romãosinho,
Nosso firme adogado,
Ahi tendel-a offerta,
Que é o nosso melhor capado.*

Posteriormente pude obter algumas trovas populares que as *cachopas* (raparigas) das proximidades da serra da Estrella cantam, e n'ellas, como na ballada, se manifesta a devoção popular d'aquelles povos por Nossa Senhora do Desterro, a que na ballada se chama, como vimos, *nossa boa padroeira*.

*A Senhora do Desterro
Tem a carvalha á porta.
Senhora, dai-me um raminho
Para pôr na minha horta.*

*A Senhora do Desterro
E' mãe de quem a não tem.
Vós dizeis que Ella é vossa,
E ella é minha tambem.*

Algumas, outras que possuo, contêm allusão local, como por exemplo;

*Eu hei de ir á Serra da Estrella
Mas não ha de ser no inverno,
Acompanhado do meu amor
Para vermos a rua do inferno.*

*Linda terra é Teixoso
Para pera e maçã.
Para meninas bonitas
A cidade da Covilhã.*

Teixoso é freguezia da invocação de Nossa Senhora dos Córso-A Covilhã foi elevada a cidade em outubro de 1870. Sendo decerto a trova mais antiga, a palavra *villa* terá sido substituída por *cidade*, na tradição oral ou pelo copista.

*Chove agua meudinha
Lá para as bandas da Lapa.
Coitadinho do meu amor,
Que foi para lá sem capa.*

Outras cantigas teem um senti-
do exclusivamente amoroso, como
a maior parte das que constituem o
nosso cancionero popular:

O meu amor é João
Sobrenome não lh'o sei.
São amores novos,
Ainda lhe não perguntei.

Esta rua tem pedrinhas,
Heide-lh'as mandar tirar
Com biquinhos d'alfinetes
Para o meu amor passar.

O meu amor de brioso,
Não traz fita no chapéu.
Traz um cordão de seda,
Parece um anjo do ceu.

O castanheiro-bate-bate,
Que bem o ouço bater
Com os ouriços no telhado
Para o meu amor entender.

O rouxinol quando canta
Tem a cauda na silveira.
Coitada da viuvinha,
Que não acha quem a queira.

Não posso dar a um simples ar-
tigo maiores dimensões do que es-
te já tem. Entretanto bastam as
ligeiras considerações que deixo ex-
pendidas, creio eu, para fazer sen-
tir quanto seria útil e interessan-
te coordenar o cancionero do Her-
minio e de outras montanhas do
nosso paiz que, pela dificuldade do
acesso, fecham como um thesou-
ro encantado, dentro dos seus fra-
guedos agrestes, as tradições poe-
ticas dos seus habitantes.

ALBERTO PIMENTEL.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

BIBLIOTHECA DOS POBRES

80 reis cada volume reis 60

Assignatura em todo o reino

Cada volume de 64 paginas, brochado
e estampilhado para os surs. assignantes
Pra de Lisboa..... 60 reis

Cada volume avulso..... 60 reis

Toda a correspondencia deve ser diri-
gida ao escriptorio da empresa

Rua do "Diario de Noticias", 83, Lisboa

PRINCIPIOS ELEMENTARES

DE

MUSICA

PARA USO DAS ESCOLAS

DE

Ensino primario de um e outro sexo

Colligidos segundo o programma official por

EDUARDO MACEDO

Preço..... 160 reis

Remette-se franco de porte para qualquer ponto do paiz

Este compendio de altissima utilidadenas escolas populares, está or-
ganizado com clareza tal, que é facil, mesmo aos menos ex-
perientes, ensinar esta disciplina, que ha muito deveria ser obriga-
toria no curso das escolas populares.

Vae entrar no prelo a segunda parte d'este trabalho, que com-
prenderá exercicios de **solfejos** nas diferentes claves, e uma
collecção de **cantos chorões** portuguezes, compostos expressa-
mente para as escolas primarias.

LIVRARIA PORTUENSE.—EDITORA

Rua da Almada, 123—Porto

Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos—Editor

Porto—Rua de Santo Ildefonso, 4 a 6—Porto

VICTOR HUGO

NOSSA SENHO-
RA DE PARIS

Romance historico illustrado com 200 gravuras
novas compradas ao editor parisiense.

EUGÈNE HUGUES

Depois dos **Miseraveis** é o romance de **Nossa Senhora
de Paris** a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de epis-
dios surprehendedentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura e-
leva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de en-
thusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta
francez a admiração mais sincera e illimitada.

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista portuense, o
o exm.º sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um
volume magnificamente impresso em papel superior, mandado fabri-
car em uma das primeiras casas de Mião.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illus-
trada com 200 gravuras, distribuida em fasciculos, semanaes de 32
paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as
provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco
de porte, mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da
importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante
a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignatu-
ras, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos
fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceptam-se correspon-
dentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos
Editor

Porto—4, Rua de Santo Ildefonso, 6—Porto